

Entrevistas na web:

reconfigurações formais, discursivas e interacionais na cultura digital

Miguel Custodio Calado¹

Bruno César dos Santos²

Resumo

Este artigo analisa a trajetória esportiva e midiática do tenista brasileiro João Fonseca como estudo de caso para compreender os processos contemporâneos de construção de superestrelas no esporte. A pesquisa articula contribuições da Sociologia do Esporte, dos Estudos de Mídia e da Psicologia do Esporte, mobilizando autores como Bourdieu (1983), Elias e Dunning (1992), Ricoeur (1994), Hall (2006), Morin (1989), Samulski (2009) e Weinberg e Gould (2017). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental e bibliográfico, baseada na análise de reportagens, entrevistas e conteúdos institucionais produzidos entre 2023 e 2025. Os resultados indicam que a ascensão de João Fonseca não pode ser explicada exclusivamente pelo talento individual, mas pela articulação entre condições estruturais de formação, visibilidade midiática, expectativas nacionais e processos de amadurecimento psicológico. Conclui-se que a produção de ídolos esportivos contemporâneos envolve simultaneamente fatores sociais, simbólicos e subjetivos, permanecendo atravessada pela imprevisibilidade característica do esporte de alto rendimento.

Palavras-chave

João Fonseca; Tênis; Mídia esportiva; Sociologia do esporte; Psicologia do esporte.

1. Introdução

A construção de superestrelas no esporte raramente é resultado exclusivo do talento individual. Em diferentes modalidades, especialmente naquelas inseridas na lógica do alto rendimento, o surgimento de atletas capazes de mobilizar audiências globais envolve uma combinação complexa de fatores que incluem formação esportiva, investimento financeiro, apoio

¹ Aluno do curso de Jornalismo da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de Iniciação Científica da FAPCOM. E-mail: 251753@sou.fapcom.edu.br;

² Professor dos cursos Bacharelados, Licenciatura e Tecnólogos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e docente dos grupos de pesquisa “Infotainment, kitsch e endereçamento: diálogo informal, humor velado e hibridismo genérico em programas telejornalísticos e talkshows brasileiros” e “Histórias do Rádio e da TV: Em prol da construção do museu da fala do radialismo paulista” E-mail: bruno.santos@fapcom.edu.br;

institucional, exposição midiática e expectativas coletivas. O sucesso esportivo, portanto, não pode ser compreendido apenas a partir do desempenho em quadra, campo ou pista, mas também pelos processos sociais e simbólicos que o tornam possível.

Nos esportes norte-americanos, como basquete, futebol americano e beisebol, a formação de atletas costuma ocorrer em sistemas altamente estruturados, sustentados por ligas escolares, universidades e mecanismos de recrutamento que organizam a passagem entre as categorias de base e o profissionalismo. Ainda assim, mesmo nesses contextos marcados pelo planejamento e pela abundância de recursos, a trajetória esportiva permanece atravessada pela incerteza. A história recente demonstra que atletas apontados como futuras estrelas nem sempre confirmam as expectativas, enquanto outros, inicialmente considerados secundários, alcançam níveis extraordinários de sucesso.

Essa imprevisibilidade constitui uma das características centrais do fenômeno esportivo. Conforme observam Elias e Dunning (1992), parte do fascínio social exercido pelo esporte decorre justamente da tensão produzida pela incerteza do resultado. O esporte mobiliza emoções porque preserva uma dimensão de imprevisibilidade que resiste a modelos, estatísticas e previsões. Em outras palavras, ainda que cercado por planejamento e racionalidade, o desempenho esportivo permanece profundamente humano.

No tênis, essa condição assume contornos particulares. Diferentemente dos esportes coletivos, a modalidade se organiza a partir de trajetórias individuais, elevados custos de formação e acesso desigual às estruturas de treinamento e competição. O desenvolvimento de um tenista depende não apenas de talento, mas também da existência de recursos econômicos, apoio familiar, treinadores qualificados, circulação internacional e capacidade de sustentar um longo processo de formação sem garantias de retorno. Mesmo quando essas condições estão presentes, o sucesso continua sendo uma possibilidade e não uma certeza.

Sob essa perspectiva, a trajetória de João Fonseca apresenta-se como um objeto de análise especialmente relevante. Considerado uma das maiores promessas do tênis brasileiro contemporâneo, o atleta teve acesso, desde a infância, a condições raramente disponíveis para a maioria dos jovens esportistas do país. Sua formação ocorreu em ambientes privilegiados, sustentada por infraestrutura qualificada, planejamento de longo prazo, intercâmbios

internacionais e acompanhamento técnico especializado. Longe de reduzir seus méritos esportivos, esse contexto permite observar de maneira particularmente clara como diferentes formas de capital econômico, social e cultural podem influenciar a construção de uma carreira esportiva, conforme argumenta Bourdieu (1983).

Entretanto, a relevância do caso não se limita às condições materiais que possibilitaram sua formação. A ascensão de João Fonseca ocorreu simultaneamente ao crescimento de sua visibilidade pública. Ainda durante a adolescência, o atleta passou a ocupar espaço crescente na mídia esportiva nacional e internacional, tornando-se alvo de comparações com grandes nomes do tênis e sendo frequentemente apresentado como símbolo de renovação do esporte brasileiro. Nesse processo, sua trajetória passou a ser acompanhada não apenas por treinadores e especialistas, mas também por torcedores, jornalistas e patrocinadores que projetam sobre ele expectativas relacionadas ao futuro da modalidade.

Dessa forma, o caso de João Fonseca permite refletir sobre um fenômeno mais amplo: os mecanismos contemporâneos de produção de ídolos esportivos. Mais do que analisar resultados competitivos, interessa compreender como estruturas sociais, narrativas midiáticas, identidades coletivas e processos de amadurecimento psicológico se articulam na construção pública de uma promessa esportiva.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a trajetória de João Fonseca entre os anos de 2023 e 2025, buscando compreender de que maneira fatores estruturais, midiáticos e simbólicos participam da construção de uma potencial superestrela do tênis contemporâneo. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, fundamentada na análise de reportagens, entrevistas, conteúdos institucionais e literatura especializada nas áreas da Sociologia do Esporte, Estudos de Mídia e Psicologia do Esporte.

Ao acompanhar a formação esportiva, a evolução midiática e os desafios psicológicos enfrentados pelo atleta em sua transição para o circuito profissional, pretende-se discutir não apenas o surgimento de uma promessa brasileira, mas também os limites das narrativas que associam talento e estrutura à ideia de sucesso inevitável. Em última instância, a trajetória de João Fonseca permite observar uma das tensões mais permanentes do esporte: o encontro entre

condições que tornam o sucesso possível e a imprevisibilidade que impede que ele seja plenamente garantido.

2. A evolução midiática de João Fonseca (2023–2025)

A trajetória de João Fonseca no tênis é, ao mesmo tempo, uma história esportiva e uma história de comunicação. Em outros esportes, a fama costuma acompanhar o desempenho. No tênis, especialmente no Brasil, muitas vezes ela não acompanha e sim antecipa, acelera e pressiona. O atleta ainda está se formando, mas a narrativa pública já corre em “modo adulto”, buscando sinais de futuro, tentando adivinhar o que ele será. É por isso que observar a evolução midiática do João ajuda a entender como se constrói uma superestrela antes dela existir de fato.

Antes de virar assunto de audiência ampla, João circulava sobretudo no ecossistema típico das promessas do tênis em cobertura especializada, recortes em veículos esportivos e atenção de quem acompanha categorias de base. Esse tipo de visibilidade é diferente do estrelato, sendo mais técnica, mais contida, quase como uma “observação em laboratório”.

A virada simbólica desse período é o título do US Open juvenil, em setembro de 2023, que também o levou ao topo do ranking juvenil. A cobertura desse momento já revela um padrão que vai voltar depois. A mídia precisa de um “gancho” simples e forte. Utiliza da idade, do grande feito e da promessa de futuro. Quando ele encerra o juvenil dizendo que agora é “ir com tudo para o profissional”, a fala vira uma frase perfeita para a narrativa do “próximo passo”. No noticiário, esse tipo de declaração costuma funcionar como um selo de “a história começou de verdade.”

Se 2023 constrói João como joia, o Rio Open de 2024 é o evento que ajuda a transformá-lo em personagem nacional. Não é apenas o resultado, é o palco doméstico, a torcida, a estética do “garoto da casa” enfrentando gente mais experiente. A cobertura passa a chamá-lo de “sensação”, a descrevê-lo como “novo astro” e a costurar sua imagem com elementos que ajudam a fixar um retrato de carisma, precocidade, estilo agressivo, feito histórico.

Nessa fase, a mídia vende um retorno da esperança no tênis masculino brasileiro. É aqui que as comparações começam a ganhar força, pois a comparação é um atalho narrativo que o público sempre entende rápido.

Depois do Rio, a narrativa ganha um combustível poderoso com a chancela internacional. Em abril de 2024, Novak Djokovic o elogia, diz que seu estilo o “lembra” e aponta o brasileiro como possível surpresa da temporada de saibro. Esse tipo de reconhecimento muda a temperatura do noticiário de “promessa nossa” para “nome que o circuito está olhando”.

Quando João vence o Next Gen ATP Finals em dezembro de 2024, a narrativa encontra um final perfeito para a fase da promessa, o troféu que legitima a ideia de “ele é o futuro”. O ano passa a ser contado como um roteiro de ascensão, com salto de ranking, vitórias marcantes e a sensação de que ele “confirmou” o que se dizia.

Só que o próprio João tenta colocar freio na máquina de comparação. Em entrevistas, ele chama de “comparações inúteis” a obsessão por medir idade, títulos e cronologia com Sinner e Alcaraz e insiste em algo simples: “quero ser o João”, viver a rotina e seguir o próprio tempo. Essa postura é crucial para entender seu comportamento midiático de como tenta domar a atenção.

O começo de 2025 o estágio em que o João deixa de ser apenas “promessa que se fala” e vira “jogador que entrega manchete no palco máximo”. A vitória contra Andrey Rublev, top 10, logo na estreia de um Grand Slam, transforma seu nome em assunto do circuito e reforça a narrativa de que ele aguenta o “grande palco”.

É também nesse período que o reconhecimento de estrelas vira constante na cobertura. Carlos Alcaraz e Djokovic elogiam publicamente sua atuação e projetam futuro grande, e a imprensa enfatiza como o brasileiro passa a ser comentado por nomes do topo, um tipo de legitimação que o tênis faz questão de valorizar. Em algumas matérias, surge até a ideia de que “o tour fala dele”, como se o circuito inteiro fosse um grande fórum comentando o novo personagem.

Em fevereiro, vem outro marco narrativo perfeito, João conquista, aos 18 anos, seu primeiro título de ATP, o ATP 250 de Buenos Aires, vencendo Francisco Cerúndolo na final. A cobertura destaca o caráter histórico (mais jovem brasileiro campeão de ATP) e o salto no ranking que reforça o “momento de mudança de patamar”. O próprio ATP Tour descreve a conquista como um ponto alto de uma ascensão meteórica e registra a emoção do brasileiro ao falar do sonho de “jogar tênis” e do desejo de chegar ao número 1.

Se a televisão e os portais ajudam a construir o nome, as redes sociais ajudam a construir a presença. E, no caso do João, os números mostram um salto que vira assunto por si só.

Reportagens apontam crescimento explosivo no Instagram ao longo de 2025, com picos em momentos-chave (como o Australian Open e o título em Buenos Aires) e uma lógica de circulação digital típica de “ídolos contemporâneos”, com recortes curtos, collabs com perfis de torneios, engajamento em dias de jogo.

Esse fenômeno é relevante porque, no tênis, “furar a bolha” não é trivial, pois a modalidade tende a ter audiências mais segmentadas no Brasil. Quando um atleta passa a ser “queridinho dos torneios nas redes” e vira recorrente em conteúdos oficiais e parcerias, ele deixa de ser só atleta e vira também ativo de comunicação do circuito.

Outro elemento que evolui junto com a fama é o modo como João se coloca publicamente. Em geral, ele sustenta um padrão de fala que a mídia interpreta como maturidade. Foco em rotina, equipe, processo e um cuidado em não transformar elogios em destino. Quando pede o fim das comparações, ele está, na prática, tentando evitar que sua carreira vire uma competição contra fantasmas (Guga, Djokovic jovem, Alcaraz).

Essa postura também aparece quando ele comenta como percebe a mudança de tratamento no circuito (rivals, respeito, fama) e quando tenta manter os pés no chão diante do que aconteceu rápido demais. A mídia costuma “romantizar” o prodígio; o atleta, muitas vezes, tenta desromantizar para sobreviver.

Ao longo de 2025, a narrativa do “público” ganha corpo. Público indo, gritando, pedindo foto, tratando como representante. Isso fica muito evidente quando João ganha o ATP 500 da Basileia em outubro de 2025, seu maior título até então, e um feito histórico para o Brasil na categoria. A cobertura registra não apenas a vitória, mas o momento simbólico de lágrimas, discurso e a frase que vira resumo do novo estágio de celebridade: “em todo lugar que vou tem um brasileiro gritando meu nome”.

Esse tipo de frase é ouro para a mídia porque transforma o sucesso em imagem coletiva e não é só um jogador vencendo, mas sim um país se enxergando nele. E aí o círculo se completa, quanto mais o público se projeta, mais a história ganha peso.

João, pelo que aparece nas entrevistas e na maneira como reage às comparações, parece entender cedo que a narrativa pode ser uma aliada e uma armadilha. Ele aceita o palco, mas tenta impor limites de “ser o João”, seguir o próprio tempo, não transformar cada elogio em extrema

sentença. Nesse momento que é possível observar que a formação de uma superestrela não é só sobre ganhar. É sobre aprender a existir num espaço onde milhões projetam no seu corpo um futuro que ainda não aconteceu, e continuar jogando mesmo assim.

3. Comparações, fome de ídolos e o peso de “representar o Brasil”

Especialmente no Brasil, a formação de um atleta de alto rendimento raramente é apenas um processo técnico. Ela também é simbólica, com narrativas, expectativas coletivas e disputas de sentido que se tornam visíveis sobretudo quando um jovem talento começa a vencer.

No tênis, essa dimensão simbólica ganha contornos ainda mais fortes porque o país tem um marco histórico muito específico para se apoiar: Gustavo Kuerten. A presença de Guga como referência funciona como régua e herança. Quando João Fonseca aparece como promessa com resultados expressivos ainda na adolescência, o espaço de enunciação da mídia e do público tende a reativar esse passado como explicação e profecia: “desde Guga”, “o novo Guga”, “o tênis brasileiro voltou”. Esse movimento está no centro do problema desta pesquisa, que busca compreender como a imagem pública do atleta é construída e como ela passa a interferir na própria trajetória em formação.

A literatura sobre mídia e idolatria no esporte ajuda a entender por que comparações se impõem com tanta velocidade. Estudos sobre a construção midiática de ídolos apontam que a imprensa, ao narrar um esporte pouco popularizado, tende a traduzir o novo personagem por meio de uma “gramática identitária”, aproximando-o de códigos já familiares ao público e produzindo identificação nacional.

No caso de Guga, análises de cobertura mostram como o tênis foi enquadrado como fenômeno midiático no Brasil a partir da figura do “moleque alegre”, capaz de condensar carisma, brasilidade e vitória em poucos signos reconhecíveis. Em paralelo, trabalhos sobre narrativas de idolatria descrevem como o ídolo esportivo é frequentemente tratado como herói, alguém que não apenas vence, mas “redime” uma comunidade, devolvendo orgulho e pertencimento. Em termos simples, se trata de investir no atleta uma função social de representação.

O problema é que esse modelo, quando reativado precocemente, cria um ambiente em que o jovem atleta passa a competir em duas arenas ao mesmo tempo. A primeira é de rankings, calendários, transição do juvenil para o profissional, adaptação a estilos e superfícies. A segunda é a expectativa de que ele encarne um retorno histórico, de que “faça o tênis brasileiro ser grande de novo”, de que carregue uma espécie de dívida simbólica deixada pelo vácuo entre gerações.

Em 2024, quando João avança rapidamente em resultados e ranking e passa a ser comparado ao desenvolvimento de Guga, a própria estrutura do noticiário reforça esse encaixe narrativo, oferecendo comparações quantitativas como se fossem evidências de destino. O mesmo mecanismo aparece em coberturas que tratam sua ascensão como algo que “acende a esperança”, deslocando o foco do processo para a promessa de legado.

Essa “fome de ídolos” tem raízes no modo como a mídia e o consumo esportivo operam. Pesquisas sobre idolatria esportiva entre jovens indicam a capacidade da mídia de produzir espetacularização e atribuir significados mercadológicos à relação clube-ídolo-torcedor, fazendo do ídolo uma figura que organiza afetos, desejos e identidades.

Ao mesmo tempo, estudos sobre idolatria na cultura esportiva brasileira mostram como narrativas frequentemente enfatizam traços “essencializados” (genialidade, improviso, carisma), o que pode reduzir a complexidade da formação e deixar menos espaço para o erro, para a oscilação e para o tempo longo do desenvolvimento. Em outras palavras, quando um país se acostuma a ver ídolos como atalhos emocionais, tende a exigir que o jovem atleta seja um símbolo pronto.

No caso de João Fonseca, a própria reação do atleta às comparações indica que ele percebe esse risco. Ao comentar a insistência em medir sua carreira pelos marcos de outros nomes, ele chama essas leituras de “comparações inúteis” e tenta deslocar a narrativa para o presente, para a rotina e para o próprio ritmo de amadurecimento. Essa postura aparece em entrevistas após conquistas importantes e funciona como uma estratégia de autoproteção. Recusar o destino pronto, recusar a armadilha de “ser o próximo”, insistir em “ser o João”.

É significativo que esse movimento aconteça cedo, porque sugere que, além do jogo em quadra, há um jogo de linguagem e expectativa que ele precisa administrar. Quando a imprensa enquadra a carreira em termos de “novo Guga”, o atleta responde tentando cortar o fio que amarra sua identidade a um mito anterior.

O peso de representar o Brasil, porém, não se limita à comparação com Guga. Ele aparece como a percepção de que há brasileiros gritando seu nome em diferentes lugares do mundo, a consciência de que seu desempenho se torna uma espécie de termômetro emocional para um público que “adota” a promessa como patrimônio.

Após conquistar um título de grande relevância em 2025, por exemplo, João descreve o prazer e a responsabilidade de representar o país, indicando como a presença do público se converte em componente do ambiente competitivo. Esse tipo de relato é importante porque mostra que a representação nacional entra no corpo do atleta, no modo como ele interpreta a própria trajetória e no que ele imagina estar em jogo quando entra em quadra.

Para jovens atletas, essa dinâmica pode ser ambígua. A aclamação é suporte, mas também é cobrança, o amor do público pode virar ansiedade quando se transforma em exigência de constância. Debates recentes sobre juventude e pressão no esporte destacam justamente isso, a intensidade das expectativas externas, somada à visibilidade e às críticas, pode aumentar o estresse psicológico, especialmente quando o atleta ainda está construindo recursos emocionais para lidar com grandes palcos e grandes narrativas.

Estudos e discussões na psicologia do esporte sobre exposição midiática e redes sociais reforçam que a pressão constante e o julgamento permanente podem interferir em identidade, motivação e desempenho, criando um “placar paralelo” que não depende do treino, mas da reação do público. Em contextos de alta midiaticização, a carreira passa a ser vivida a partir do rendimento e a da imagem.

A fome brasileira por novos ídolos, portanto, não é apenas um traço cultural “pitoresco”, ela é um elemento que pode reorganizar o ecossistema de formação. Quando a sociedade investe em um jovem atleta como símbolo de redenção esportiva, ela antecipa o futuro e ameaça estreitar o presente.

O risco aqui é que o atleta que deveria estar aprendendo a perder, ajustar, amadurecer e oscilar passa a ser cobrado como se já estivesse pronto. As redes sociais aceleram esse processo, pois transformam momentos em julgamentos imediatos e amplificam comparações, criando uma sensação de que toda derrota precisa ser explicada publicamente e toda vitória precisa confirmar um destino. Ao mesmo tempo, o crescimento digital e a hiper-atenção reforçam a idolatria como

fenômeno. O atleta torna-se “conteúdo” e, muitas vezes, passa a ser seguido não apenas por quem gosta do esporte, mas por quem gosta da narrativa de ascensão.

4. O ambiente que tornou João Fonseca possível

A trajetória de João Fonseca ajuda a mostrar que, no tênis, o surgimento de um grande talento nunca depende apenas de habilidade individual. Existe, antes de tudo, um ambiente que permite que esse talento apareça, seja lapidado e ganhe continuidade. Em um esporte de formação cara, acesso restrito e forte dependência de estrutura, o caminho até o alto rendimento costuma passar por fatores que vão muito além da quadra.

No caso de João, isso fica especialmente evidente. Sua história começa na possibilidade de iniciar cedo, treinar em bons espaços, circular por ambientes competitivos qualificados e ter ao redor uma rede capaz de transformar potencial em projeto esportivo. Essa combinação ajuda a entender por que sua formação não pode ser lida apenas como a história de um “dom”, mas como a de um atleta que cresceu dentro de um ecossistema raro no contexto brasileiro.

João começou a jogar tênis aos quatro anos no Country Club do Rio de Janeiro, em Ipanema, perto de casa. Esse dado, à primeira vista simples, já diz muito. Começar cedo em um clube tradicional, frequentado pela elite carioca e historicamente ligado ao tênis, significa entrar no esporte por uma porta muito diferente daquela disponível à maioria das crianças brasileiras.

O tênis, no Brasil, continua sendo uma modalidade marcada por barreiras econômicas e sociais importantes, com concentração de oportunidades nas regiões Sul e Sudeste e presença majoritária de atletas oriundos das classes mais altas. Nesse cenário, nascer perto de um clube com tradição na modalidade e ter condições de frequentá-lo é uma vantagem estrutural decisiva.

Ao mesmo tempo, o caso de João mostra que privilégio, por si só, não basta. O Country Club oferecia a iniciação, mas também impunha limites. Como os treinos eram restritos aos sócios, o universo de adversários era pequeno. Foi por isso que seu primeiro treinador, o chileno Juan Pablo Etchecoin, passou a levá-lo também ao Clube Monte Líbano, ampliando a variedade de rivais e experiências competitivas.

Esse ponto é importante porque revela que a formação de um atleta não depende apenas de infraestrutura física, mas da qualidade do desafio que ele encontra no dia a dia. Um ambiente confortável demais pode proteger; um ambiente competitivo, ao contrário, obriga o jogador a crescer. No caso de João, já muito cedo houve a percepção de que talento sem fricção corre o risco de se acomodar.

A partir de 2016, quando João tinha nove anos, sua trajetória dá um salto de organização. O ex-tenista Bruno Bonjean passa a estruturar um projeto mais profissional de formação, com João como primeiro grande nome dessa iniciativa. A mudança não é pequena. O que antes poderia ser apenas o desenvolvimento promissor de uma criança talentosa ganha contornos de planejamento de longo prazo. Bonjean relata que sua intenção era participar diretamente da formação do atleta, e não apenas apoiá-lo financeiramente. A contratação de Guilherme Teixeira como head coach reforça a virada em que João passa a ser tratado com uma lógica de alto rendimento ainda muito jovem, com rotinas, calendário e exigências pensados de maneira profissional. Em outras palavras, sua carreira deixa de ser apenas uma aposta familiar ou um entusiasmo de clube e passa a ser conduzida como projeto estratégico.

Esse caráter planejado aparece com clareza na maneira como sua formação foi internacionalizada desde cedo. Ainda muito novo, João já era inserido em competições fora do Brasil, com experiências nos Estados Unidos e na Europa e incentivo para jogar também em quadras duras, não apenas no saibro mais comum no circuito sul-americano. A partir dos 12 anos, ele passou a disputar torneios internacionais de forma mais consistente, algo que o ajudou a acelerar o amadurecimento competitivo. Essa antecipação de experiências é central no tênis contemporâneo. Jogadores que enfrentam cedo diferentes pisos, ritmos e estilos de jogo costumam chegar mais preparados à transição entre categorias. No caso de João, a formação não foi pensada para dominar apenas o cenário nacional, mas para adaptá-lo rapidamente a um circuito globalizado.

Outro ponto decisivo foi a capacidade de corrigir o ambiente quando ele deixou de ser suficiente. Em determinado momento, o próprio Country Club já não dava conta das necessidades do projeto. Havia limitação de quadras, restrição para patrocínios e um contexto que começava a ficar cômodo demais para um atleta em crescimento. A saída para o Itanhangá e a criação da Yes

Tennis representam, nesse sentido, a construção de um espaço moldado especificamente para o desenvolvimento de um jogador de alto nível.

O fato de os próprios pais de João terem custeado a reestruturação de quadras, academia e demais condições materiais mostra o peso do investimento privado em sua formação. Trata-se de um ponto essencial para este estudo; no tênis brasileiro, muitas vezes o salto de qualidade não acontece porque existe um sistema público sólido, mas porque determinadas famílias têm recursos para construir, financiar e sustentar esse salto por conta própria.

Essa realidade reforça o caráter elitizado da modalidade. Pesquisas sobre o perfil de tenistas infantojuvenis brasileiros já mostraram que a maior parte dos atletas de elite pertence às classes econômicas mais altas e se desenvolve em regiões com melhor infraestrutura e maior disponibilidade de apoio técnico. Isso ajuda a entender por que trajetórias como a de João, embora extraordinárias em desempenho, não são desvinculadas de um padrão social bastante reconhecível. O que muda, em seu caso, é o grau de eficiência com que essas vantagens foram organizadas. Houve família presente, investimento contínuo, equipe técnica qualificada, circulação internacional e gestão de carreira. O mérito esportivo existe, claro, mas ele opera sobre uma base de oportunidades que está longe de ser universal. Falar de João Fonseca, portanto, também é falar da desigualdade de acesso que marca o tênis no Brasil.

Ao mesmo tempo, seria simplista concluir que João chegou onde chegou apenas porque teve estrutura. O próprio percurso mostra que a formação tentou ir além da proteção e do conforto. Relatos sobre a Yes Tennis indicam uma preocupação em desenvolver disciplina fora da quadra, com tarefas simples do cotidiano durante viagens, como arrumar a cama, lavar roupa e organizar a própria rotina. Esse detalhe parece pequeno, mas é simbólico. Ele sugere que, dentro de um ambiente privilegiado, havia também uma tentativa de evitar que o atleta fosse formado apenas como alguém servido por uma estrutura. A ideia era aproximá-lo da dureza da rotina profissional, da responsabilidade pessoal e do entendimento de que o alto rendimento não se sustenta sem disciplina cotidiana. Em outras palavras, a estrutura ofereceu vantagens, mas também precisou produzir exigência.

O caso de João Fonseca também ajuda a desmontar uma visão romântica muito comum no esporte brasileiro, a de que grandes atletas surgem quase espontaneamente, como se bastasse

talento para que o resto acontecesse. Sua formação mostra o contrário. Por trás da promessa existe um investimento de longo prazo, uma rede de adultos especializados, decisões estratégicas de calendário, intercâmbios, correções de rota, mudanças de ambiente e financiamento constante.

O que no imaginário esportivo costuma aparecer como “explosão” é, muitas vezes, o resultado tardio de anos de organização silenciosa. Essa constatação é importante porque devolve complexidade ao debate. João não é apenas um menino muito talentoso; ele é também o produto de um trabalho contínuo e de uma estrutura que soube reconhecer, proteger e potencializar esse talento antes que o grande público o conhecesse.

Ainda assim, o ponto mais interessante talvez seja que mesmo com todas essas condições favoráveis, nada estava garantido. E é justamente aí que sua trajetória se torna tão reveladora. O acesso aos melhores treinadores, aos melhores espaços e às melhores competições não assegura, por si só, a transformação de uma promessa em superestrela. O esporte continua atravessado por variáveis difíceis de controlar: maturidade emocional, adaptação à pressão, lesões, confiança, timing de carreira, escolhas competitivas e capacidade de sustentar evolução em nível internacional.

João teve um ambiente que o tornou possível, mas esse ambiente não podia prometer seu destino. Essa tensão entre estrutura e incerteza talvez seja uma das chaves mais importantes para compreender sua formação. O privilégio abre portas, multiplica chances e reduz obstáculos, mas não elimina o risco. E é exatamente por isso que sua história interessa tanto: porque ela permite observar, ao mesmo tempo, a força das condições sociais e os limites de qualquer tentativa de transformar o futuro esportivo em algo totalmente previsível.

5. Pressão, amadurecimento e os limites de prever uma estrela

Se os capítulos anteriores mostram como João Fonseca foi formado por uma estrutura rara, projetado pela mídia e empurrado para um lugar simbólico muito grande ainda jovem, este ponto do artigo exige uma pergunta mais delicada: o que acontece com um atleta quando todas essas dimensões passam a agir ao mesmo tempo sobre ele?

No tênis, essa questão é especialmente importante porque o jogo expõe o indivíduo de maneira radical. Não há banco de reservas, não há substituição, não há divisão muito clara de responsabilidade. O atleta precisa lidar sozinho com o adversário, com o ambiente, com o placar e com a própria cabeça. Por isso, a trajetória de João ajuda a perceber que a formação de uma promessa não depende apenas de técnica ou estrutura, mas também da capacidade de administrar emoções, atravessar oscilações e conviver com um tipo de expectativa que, em muitos momentos, parece maior do que a própria idade do jogador.

A própria fala do atleta em diferentes momentos de sua ascensão aponta para essa centralidade do aspecto mental. Após o título do Next Gen ATP Finals, em dezembro de 2024, João admitiu que estava muito nervoso antes da final e destacou o quanto a partida seria difícil “mental e fisicamente”, mostrando que, para ele, o rendimento de alto nível já não podia ser explicado apenas pela qualidade dos golpes.

Poucos meses depois, em Roland Garros, foi ainda mais direto ao afirmar que “o tênis é 60% mental, 30% físico e 10% técnico”, depois de uma vitória em que ressaltou a coragem, a iniciativa e a manutenção da intensidade emocional como diferenciais do jogo. Essas declarações não devem ser lidas apenas como frases de efeito comuns ao esporte. Elas revelam uma consciência precoce de que o talento, sozinho, não resolve a experiência competitiva. Em um circuito no qual muitos jogadores possuem base técnica semelhante, o que frequentemente altera o resultado é a maneira como cada um suporta pressão, frustração, nervosismo e oscilação.

Esse ponto fica ainda mais evidente quando se observam não apenas as vitórias, mas também os momentos de desconforto e aprendizado. Depois de conquistar o ATP 250 de Buenos Aires em fevereiro de 2025, João chegou ao Rio Open cercado por uma expectativa muito maior do que no ano anterior. A conquista do título, a subida rápida no ranking e a mobilização do público transformaram seu retorno ao torneio carioca em algo muito mais pesado simbolicamente. Em entrevista após a derrota na estreia, ele reconheceu o nervosismo, disse que sabia que precisaria enfrentar o medo de jogar com tanta gente e admitiu que, naquele dia, não conseguiu ser ele mesmo em quadra. Esse tipo de derrota é importante para a análise justamente porque rompe a narrativa linear da ascensão. Ela lembra que a evolução de um jovem atleta não se dá em linha reta e que o amadurecimento, muitas vezes, acontece em partidas em que o resultado final é negativo.

Ao mesmo tempo, João parece construir cedo uma estratégia para não se deixar absorver inteiramente por esse excesso de atenção. Em Roland Garros, ao ser perguntado sobre a pressão, afirmou que não precisava pensar nela o tempo inteiro e que seu foco deveria permanecer na rotina, no trabalho e na evolução. Há algo de muito significativo nessa resposta. Em vez de negar a pressão, ele a reconhece, mas tenta evitar que ela organize sua vida mental por completo. Esse movimento é importante porque mostra uma tentativa de preservar o presente diante da força do futuro projetado sobre ele. Quando um jogador muito jovem já é tratado como solução histórica, novo ídolo nacional ou sucessor de um legado, existe o risco de ele começar a viver mais em função da expectativa do que da própria carreira concreta.

Também por isso a ideia de maturidade aparece repetidamente no discurso de João ao longo de 2025. Depois do título em Buenos Aires, ele afirmou que precisaria de maturidade para “virar a página” e seguir em frente diante da euforia e da expectativa produzidas por aquela conquista. Mais tarde, ao falar sobre sua evolução, disse sentir-se como “um João mais maduro”, mais forte física e mentalmente, sugerindo que o crescimento esportivo não estava ligado apenas a refinamentos de jogo, mas à capacidade de entender melhor o próprio lugar dentro do circuito.

Em termos científicos, isso ajuda a pensar a formação de atletas não como simples acúmulo de vitórias ou aperfeiçoamento biomecânico, mas como um processo de aprendizagem subjetiva. O jogador precisa aprender a ganhar, a perder, a ser observado, a ser comparado, a ser elogiado e, em alguns casos, a decepcionar sem desmoronar.

É justamente aí que a trajetória de João deixa de ser apenas uma história promissora e se torna um objeto relevante de pesquisa. O que seu caso expõe não é somente a emergência de um possível grande nome do tênis brasileiro, mas os limites da própria ideia de previsão esportiva. Ele teve acesso a condições privilegiadas, formação planejada, equipe qualificada, visibilidade crescente e resultados extraordinários antes dos vinte anos. Ainda assim, sua carreira continua aberta, sujeita a oscilações, pressões, mudanças de ritmo e disputas que nenhum projeto consegue controlar totalmente. O esporte insiste em escapar das narrativas fechadas. É isso que o torna bonito, mas também frustrante.

No caso de João Fonseca, talvez a maior força do percurso até aqui esteja justamente nessa convivência entre sinais muito claros de grandeza e a impossibilidade de qualquer garantia

definitiva. Há títulos, vitórias sobre jogadores importantes, reconhecimento internacional e uma maturidade incomum para a idade. Mas há também derrotas que ensinam, momentos de nervosismo, necessidade de adaptação e a compreensão de que a carreira profissional não é uma sequência automática de confirmações.

Por isso, mais do que tentar responder se João será ou não a próxima grande estrela do tênis, este artigo se aproxima do fim sustentando a ideia de que formar uma promessa significa também aprender a olhar para a incerteza sem reduzi-la a fracasso. O talento existe, a estrutura existe, a projeção existe, mas o futuro, no esporte, continua sendo um campo aberto. E é nesse espaço entre expectativa e imprevisibilidade que a trajetória de João Fonseca ganha seu sentido mais profundo.

6. Considerações finais

Ao longo deste artigo, a trajetória de João Fonseca foi analisada menos como uma sucessão de resultados isolados e mais como a expressão de um processo complexo de formação esportiva, social e simbólica. Desde a introdução, ficou claro que a construção de uma superestrela no esporte não pode ser explicada apenas pelo talento individual, já que ela depende de estrutura, investimento, circulação competitiva, narrativa midiática e capacidade de adaptação a contextos de alta pressão. No caso do tênis, essa complexidade se torna ainda maior por se tratar de uma modalidade individual, elitizada e profundamente atravessada por desigualdades de acesso.

O caso de João Fonseca mostrou, em primeiro lugar, que o surgimento de um grande jogador também é resultado de condições materiais muito específicas. Sua formação no Country Club, a proximidade com treinadores qualificados, a entrada precoce em torneios internacionais, a profissionalização do projeto esportivo ao redor de seu nome e a criação de uma estrutura como a Yes Tennis revelam que o alto rendimento não nasce do nada. Ao contrário, ele costuma ser construído por redes familiares, técnicas e financeiras que reduzem riscos, ampliam oportunidades e organizam o desenvolvimento do atleta desde cedo. Nesse sentido, João não é apenas um talento raro, mas também o produto de um ambiente raro no contexto brasileiro.

Ao mesmo tempo, o artigo mostrou que essa base estrutural não foi suficiente para blindá-lo das pressões simbólicas que acompanham a ascensão de um jovem talento no Brasil. À medida que seus resultados ganharam projeção, João passou a ser transformado pela mídia e pelo público em personagem nacional, em promessa de futuro e em possível herdeiro de um imaginário que, no tênis brasileiro, continua fortemente vinculado à figura de Gustavo Kuerten. As comparações com Guga, a ideia de “novo fenômeno” e a expectativa de que ele represente uma retomada histórica do esporte no país mostram como o Brasil projeta em jovens atletas não apenas esperança esportiva, mas também uma espécie de necessidade coletiva de renovação simbólica.

Esse processo se intensificou com a passagem do circuito juvenil para o profissional. A renúncia ao tênis universitário nos Estados Unidos, as campanhas em torneios de alto nível, a vitória sobre Andrey Rublev no Australian Open, o título em Buenos Aires e, mais tarde, a conquista em Basel, indicam que João atravessou essa transição de forma muito mais rápida do que costuma ser comum. Ainda assim, essa aceleração não eliminou a lógica de aprendizagem, adaptação e risco que marca o circuito adulto. O que sua carreira recente sugere não é a consumação de um destino, mas a abertura de uma possibilidade concreta de permanência em elite, algo que no esporte jamais pode ser tratado como mera sequência automática de sinais positivos.

Talvez por isso o aspecto mais revelador de sua trajetória seja o modo como ela explicita os limites de qualquer tentativa de prever o futuro esportivo de forma definitiva. João teve acesso ao que muitos jovens tenistas brasileiros não têm: estrutura, planejamento, investimento e visibilidade. Também mostrou, em quadra e fora dela, maturidade crescente para lidar com nervosismo, expectativa pública, derrotas dolorosas e grandes palcos, reconhecendo repetidamente a importância do componente mental no tênis e tentando manter o foco na rotina e no processo de evolução. Mesmo assim, sua história continua aberta. E é precisamente essa abertura que torna seu caso tão interessante para a pesquisa: ele permite observar, quase em tempo real, o encontro entre privilégio e incerteza, entre projeto e acaso, entre construção racional e imprevisibilidade esportiva.

Em última instância, estudar João Fonseca antes dos vinte anos não significa apenas acompanhar o surgimento de uma promessa brasileira, mas refletir sobre o próprio modo como o esporte produz, projeta e consome seus futuros ídolos. Sua trajetória ajuda a desmontar explicações

simplistas, sejam elas as que reduzem o sucesso ao “dom natural”, sejam as que transformam investimento e estrutura em garantias automáticas de consagração. O que este artigo procurou demonstrar é que a formação de uma superestrela no tênis envolve um conjunto de forças simultâneas: classe social, ambiente, mídia, mercado, pressão nacional, amadurecimento subjetivo e desempenho competitivo. João Fonseca é, até aqui, a síntese muito clara dessas tensões. Mas é justamente por o esporte não ser uma ciência exata que sua história permanece tão fascinante: porque ela aponta para o máximo potencial de um projeto sem jamais permitir que o futuro seja tratado como algo resolvido.

7. Referências

AZEVEDO, Victor Valdez Dantas; MEZZAROBBA, Cristiano. **A influência da mídia na construção de ídolos esportivos para os jovens**. *Kinesis*, Santa Maria, v. 32, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/15603>. Acesso em: 2 jul. 2026.

AZEVEDO, Victor Valdez Dantas. **A influência da mídia na construção de ídolos esportivos para os jovens**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11598/2/ConstrucaoIdolosEsportivosJovens.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2026.

CABO, Álvaro do. **A construção de um ídolo futebolístico na imprensa**. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/wp-content/uploads/2017/03/421-1151-1-pb.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2026.

HELAL, Ronaldo. **A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/wp-content/uploads/2010/10/mc3addia-e-esporte-a-construc3a7c3a3o-de-narrativas-de-idolatria-no.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2026.

MÍDIA NINJA. **Juventude sob pressão: a expectativa sobre atletas muito jovens nas Olimpíadas**. 10 ago. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/juventude-sob-pressao-a-expectativa-sobre-atletas-muito-jovens-nas-olimpiadas/>. Acesso em: 2 jul. 2026.